

Os novos recursos estimados para este ano, da ordem de US\$ 3,5 bilhões, não serão fornecidos apenas pelos bancos internacionais privados, como revelou hoje alta fonte do governo, mas também por organismos internacionais, como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

A renegociação do serviço da dívida contraída pelo Brasil junto aos países membros do Clube de Paris poderá minimizar essa necessidade de recursos adicionais, embora o governo ainda não tenha projetado essa alternativa nas tabelas encaminhadas aos bancos credores.

A montagem do novo esquema de refinanciamento da dívida externa brasileira, segundo a fonte consultada, partiu de números realistas, até mesmo conservadores, sobre o desempenho da economia mundial e das possibilidades de recuperação dos preços dos principais produtos de exportação do País. A renegociação dos juros da dívida não foi incluída em qualquer projeção técnica preparada para os economistas do Subcomitê, coordenado por Douglas Smeel.

A nova programação não prevê, ainda, uma perspectiva de crescimento para os níveis de produção interna. O Produto Interno Bruto (PIB) seria próximo a zero em 1984, mas considerando-se também a possibilidade de dois pontos negativos ao final do próximo ano.

Conta-se com uma margem mais folgada para o desempenho do setor privado, na medida em que as importações do setor cresceriam em até 20 por cento, graças ao corte de US\$ 1,3 bilhão nas compras de petróleo e na compressão das importações do setor estatal.

A nível do balanço de pagamentos, o déficit em transações correntes previsto para este ano é da ordem de US\$ 7,7 bilhões, calculando-se uma recuperação significativa em 1984, quando o déficit estaria situado em US\$ 6,3 bilhões.

As estimativas para o superávit da balança comercial chegam a US\$ 9 bilhões em 1984, conservando-se a previsão de US\$ 6,3 bilhões para este ano, embora o governo já esteja convencido de que os números da balança em 1983 serão ainda mais favoráveis.

O governo trabalhou com uma taxa "libor" média para o próximo ano da ordem de 11 por cento, prevendo um dispêndio líquido com o pagamento de juros de US\$ 10 bilhões, neste ano, e de US\$ 11 a US\$ 11,2 bilhões para o próximo ano. O ganho de reservas neste ano, em termos de moeda disponível, seria de US\$ 1,5 bilhão, na certeza de que serão aportadas todas as parcelas de recursos retidas tanto pelo FMI como pelos bancos credores e concedidos, ainda, os recursos adicionais para este ano.

Com relação aos investimentos externos diretos, o governo não previu um ingresso superior a US\$ 500 milhões neste ano, embora a previsão inicial fosse de investimentos da ordem de US\$ 1,5 bilhão. Para o próximo ano, será adotada também uma estimativa realista, com a possibilidade de investimentos em torno de US\$ 500 milhões, repetindo-se o número esperado, agora, para 1983.

Credor avalia novos pedidos de empréstimos

O Comitê de Assessoramento à Renegociação da Dívida Externa Brasileira, coordenado pelo vice-Presidente do Citibank, William Rhodes, reúne-se na próxima semana em Nova Iorque. O Comitê analisará os novos números sobre as necessidades de recursos externos do País para o final deste ano e para 1984, que chegam a US\$ 9 bilhões, a partir do levantamento realizado pelos representantes do Subcomitê de Economia dos bancos credores, que encerram sua missão no País na próxima terça-feira.